

Sumário: Neste estudo, num primeiro momento, o autor apresenta o conteúdo do Documento de Participação da Vª Conferência dos Bispos da América Latina e do Caribe e, num segundo, faz um comentário analítico do texto. Quanto à apresentação, segue-se a estrutura do Documento, elencando sob os títulos do próprio texto os seus conteúdos, de forma telegráfica e indicando o número correspondente. Quanto à análise, o autor faz três tipos de comentário: um sobre a ordem dos conteúdos e o enfoque metodológico; outro, sobre os conteúdos dos cinco capítulos do texto; e, um terceiro, sobre a relação do Documento com a tradição latinoamericana, a qual, historicamente se reivindica de uma 'recepção criativa' do Concílio Vaticano II. O objetivo destas reflexões, segundo o autor, é contribuir com a participação das comunidades eclesiais na preparação da Vª Conferência, cujo tema central é o discipulado e a missionariedade.

Abstract: At the outset, the author presents the basic outline of the Document relating to the Participation of the 5th Conference of the Latin American and Caribbean Bishops. For a more detailed overview special attention is given to the titles and telegraphic summaries with the respective numbering of paragraphs and chapters for easy reference. The following section deals with an analysis and commentary on the text. The type of comment is triple in kind, firstly to enhance the sequence of contents and its methodology; secondly to give an account of the five chapters, and thirdly to relate the Document with the Latin American tradition which claims to be a historical creative reception of the Vatican Council II. The intention of the author's insights is to provide a contribution of the ecclesial communities in preparation of the 5th Conference whose central theme is discipleship and missionary activity.

O documento de participação da Vª Conferência

Apresentação e comentário analítico

*Agenor Brighenti**

* O Autor é Doutor em Ciências Teológicas e Religiosas, Diretor e Professor no ITESC e membro do INP da CNBB.



A Vª Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe, convocada para abril-maio de 2007 em Aparecida (Brasil), se insere no elenco das quatro anteriores: *Rio de Janeiro* (1955), *Medellín* (1968), *Puebla* (1979) e *Santo Domingo* (1992). Ela tem como tema: *Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida. “Eu sou Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6)*. A exemplo das demais, ela não pretende ser apenas uma reunião de bispos, mas uma assembléia da Igreja na América Latina e no Caribe, à qual conflua a participação e a colaboração de todas as Igrejas Locais, através de suas respectivas Conferências Nacionais. O presente é intitulado *Documento de Participação* tem como finalidade animar e orientar a participação das comunidades eclesiais na preparação desta Vª Conferência, cujo tema central é o discipulado e a missionariedade.

A contribuição das comunidades deverá ser dada a partir do preenchimento de algumas fichas, até novembro de 2006. Na seqüência, a partir da compilação das contribuições, a ser elaborada pelas Conferências Episcopais Nacionais, se redigirá um *Documento Síntese*, que será ponto de partida para o trabalho dos Bispos na Vª Conferência.

As reflexões deste estudo se inserem neste tempo privilegiado e importante de preparação. Buscam contribuir com dois objetivos concretos: primeiro, oferecer uma apresentação sintética do conteúdo do *Documento de Participação*, visão de conjunto dos temas tratados; segundo, fazer um comentário analítico do *Documento*, chamando atenção sobretudo para os seus limites e vazios, uma vez que se trata de procurar enriquecê-lo.

Os dois objetivos serão objeto dos dois pontos que seguem.

I. Apresentação sintética do *Documento de Participação*

Para a apresentação do *Documento*, seguimos sua estrutura, elencando sob os títulos do próprio texto os seus conteúdos, de forma telegráfica e indicando o número correspondente. Vamos ao texto.

Introdução

– O Documento de participação busca suscitar a participação mais ampla possível nesta etapa de preparação, nesta hora da graça e de orientação pastoral.



I. O anseio pela felicidade, verdade, fraternidade e paz
(1-20)

A. Um anseio universal

- (1) Somos todos buscadores e peregrinos da felicidade: no mais profundo de nosso ser há fome de amor e de justiça, de liberdade e verdade, sede de contemplação, de beleza e de paz, ambição de plenitude humana, ânsia pelo lar e pela fraternidade.
- (2) O que buscamos supera totalmente as dimensões e as possibilidades de vida neste mundo, abrindo caminho para nossa sede de Deus e vocação para o céu.
- (3) Contudo, já neste mundo somos cada vez mais felizes à medida em que formos imagem e semelhança de Deus - o Pai, o Filho e o Espírito Santo, a comunidade das três pessoas felizes.
- (4) Na história da humanidade, todavia, pessoas e povos se extraviam, perseguindo sua realização por caminhos errados.

B. À luz da revelação

- (5) A revelação ilumina os anseios mais profundos de nosso ser.
- (6) No AT, Deus se manifesta como Senhor da História, Legislador e Juiz.
- (7) Com Abraão e os patriarcas, conclama ao amor e ao respeito fraterno, sem ídolos, sem misérias nem escravidões.
- (8) Em Moisés, deu-nos o dez mandamentos, ainda hoje caminho para a felicidade.
- (10) Pela encarnação-morte-ressurreição, Jesus se fez nosso Caminho.
- (13) As Bem-aventuranças são o código da felicidade e sustentam nossa esperança nas tribulações.
- (14) Para viver as Bem-aventuranças, nos fez apóstolos, testemunhas e colaboradores dele e para isso nos enviou o Espírito Santo.
- (15) O seguimento implica abraçar a cruz de Cristo, em que o sofrimento é oferta filial.
- (16) O cristianismo nasceu e se espalhou como Boa Nova para a humanidade.
- (17) Como Boa Nova surgiram as primeiras comunidades, depois de Pentecostes.



- (18) Apesar das perseguições, o cristianismo se expandiu na antiguidade como verdadeira explosão de alegria, corrente de fé, sabedoria e esperança.
- (19) Na delegação de Jesus aos apóstolos - “Ide e fazei que todos os povos se tornem discípulos”, a Igreja foi muito mais além das fronteiras do Império Romano.
- (20) O cumprimento da delegação de Cristo foi acompanhado pelo martírio, na alegre esperança de acompanhá-lo no céu.

II. Desde a chegada do evangelho à América Latina e ao Caribe vivemos nossa fé com gratidão

A. *Nossos povos receberam a bênção do encontro com Jesus Cristo (21-30)*

- (21) Por sábio e bondoso desígnio da Providência divina, chegou até as terras deste Continente esta corrente de amizade com Deus, de vida nova e de promoção humana, iniciada por Jesus Cristo e que o Espírito Santo impulsiona ao longo dos séculos.
- (22) Encontro precedido pela presença de Deus, em ‘sementes do Verbo’, em muitos valores, que predispunham à recepção mais pronta do Evangelho.
- (23) A Virgem de Guadalupe ajudou a abrir as portas do coração dos povos autóctones para Jesus Cristo.
- (24) Nosso radical substrato católico foi estabelecido e dinamizado por uma legião missionária de bispos, religiosos e leigos.
- (25) Contudo a evangelização teve luzes e sombras, como atestam Bartolomeu de las Casas, Juan de Zumárraga, Vasco de Quiroga, Juan Del Valle, Julián Garcés, José de Anchieta, Manoel da Nóbrega e tantos outros.
- (26) A própria evangelização constitui uma espécie de tribunal de acusação para os responsáveis por aqueles abusos.
- (27) Solidarizamo-nos com a dor dos conquistados, submetidos à escravidão, conforme já pediu perdão o Papa João Paulo II (holocausto desconhecido).
- (28) Tempos dolorosos também foram as crises do séc. XIX e princípios do XX (Igreja perseguida). O Vaticano II iria renovar o dinamismo evangelizador.



- (30) Principalmente a partir de Medellín há uma nova etapa de nossa história, em que a Igreja busca contribuir com a construção de uma nova sociedade.

B. Uma Igreja viva, fermentada pela experiência da graça de Deus (31-35)

- (32) A herança recebida, no Continente da Esperança, compromete a Igreja a dar uma resposta alegre e missionária aos que buscam sentido.
- (33) As peregrinações do Papa João Paulo II constituíram um marco indelével.
- (34) Sinais de esperança, que mostram que a sementeira de Deus cresce: 90% da população crêem em Deus; as alegres celebrações litúrgicas e a vida das paróquias, de suas comunidades de base e dos movimentos eclesiais; a piedade e religiosidade populares; as paróquias missionárias; esforços da Igreja, nos quais participam religiosos e religiosas, na Nova Evangelização, com dedicação aos pobres; as grandes instruções dadas por João Paulo II, convocando-nos ao encontro do Cristo vivo e a globalizar a solidariedade; a participação dos leigos (ministros da Palavra, catequistas); as escolas de formação inicial e contínua de diáconos permanentes; a pastoral da juventude; a pastoral vocacional, inserida em pastoral orgânica diocesana, em estreita vinculação com a pastoral familiar e da juventude; a pastoral da família, santuário da vida; a pastoral dos presbíteros, com encontros em pequenas comunidades; a pastoral social: opção pelos pobres, libertação, conteúdo evangélico e teológico da libertação; o espírito de comunhão, participação e co-responsabilidade, manifestado nas Cebes, ministérios leigos e conselhos pastorais; o autofinanciamento das Dioceses; o diálogo ecumênico e inter-religioso, em especial com as comunidades judaicas.

III. Discípulos e missionários de Jesus Cristo (36-93)

- (36) Em Puebla, João Paulo II chamou a atenção sobre a verdade de Jesus Cristo, da Igreja e do homem.
- (37) Essa verdade remete à identidade da vocação e missão cristãs, na realidade do Continente, que ultimamente o CELAM através do



estudo sobre as 'megatendências' de nosso tempo e sobre a globalização buscou dar maior clareza.

- (38) O tema da Vª Conferência coloca-se nesta perspectiva.

A. Pelo encontro com Jesus Cristo vivo (39-43)

- (39) O encontro com Jesus Cristo é raiz, fonte, ápice da vida da Igreja e fundamento do discipulado e da missão.
- (40) Jesus Cristo é e será sempre a verdadeira novidade, que supera todas as expectativas da humanidade.
- (42) O encontro vital com o Senhor nos introduz nas dimensões mais profundas da vida.
- (43) Vª Conferência: oportunidade para refletir sobre a profundidade de nosso encontro com Jesus Cristo vivo e sobre a intensidade de nosso ardor missionário.

B. Discípulos de Jesus Cristo (44-65)

- (44) Na perspectiva da Nova Evangelização, com relação às demais Conferências, é necessário dar um passo a mais: chegar ao indivíduo que responderá aos grandes desafios de nosso tempo.
- (45) Discípulo de Jesus Cristo é aquele que, repleto de assombro, recebeu o Senhor.
- (46) A primeira experiência do discípulo consiste no chamado pessoal que Jesus lhe faz, na vontade de segui-lo, de assemelhar-se a ele e de vincular-se a uma comunidade de fiéis, na qual discerne sua missão na Igreja e na sociedade.
- (49) A escolha e o chamado de Cristo requer ouvidos de discípulo.
- (50) Uma resposta de amor a um chamado de amor
- (51) Em que o discípulo entra em comunhão de vida e missão com Jesus Cristo.
- (52) Comunhão plena se dá na Eucaristia.
- (55) Formação do discípulo, consiste em fazer-se discípulo da Palavra (56)
- (58) Na vivência sacramental, o discípulo de Jesus encontra a presença e a ação salvífica.
- (59) Um itinerário de iniciação cristã comporta várias etapas: anúncio da Palavra, acolhimento da mesma e conversão, profissão de fé, efusão do Espírito Santo e acesso à comunhão eucarística.



- (64) Maria de Nazaré, a primeira e mais perfeita discípula que, desde a encarnação, gravou em seu coração o Evangelho.
- (65) Em Maria encontramos todas as características do discipulado: escuta amorosa e atenta, obediência sem limites à vontade do Pai e fidelidade até à cruz.

C. Discípulos em comunhão eclesial (66-77)

- (66) O chamado cria entre os discípulos comunidade fraterna.
- (69) Uma comunidade unida é condição para a formação do discípulo: casa e escola de comunhão e solidariedade.
- (70) O discípulo não pode viver sem o domingo, no encontro com a Palavra e a Eucaristia.
- (71) A comunhão dos discípulos mostra sua unidade por meio da diversidade e da pluralidade, recordando que é imagem do Deus Uno e Trino.
- (72) A tarefa de construir a comunhão eclesial realiza-se de modo orgânico por meio dos diversos ministérios, carismas e serviços, na colaboração de todos.
- (73) Papel especial têm as diferentes formas de movimentos e associações, em que a vida paroquial e a diocesana devem expressar seu caráter de ‘comunidades de comunidades e movimentos’.
- (74) A identidade e missão do presbítero se fundamentam no encontro com Jesus Cristo vivo e seu seguimento desenvolve-se na vivência de comunhão presbiteral com o Bispo e se projeta na caridade pastoral.
- (75) No caminho do discipulado, a vida consagrada tem uma missão insubstituível, com coração não dividido, “estar com Jesus e pôr-se, como ele, a serviço de Deus e dos homens”.
- (76) Para essa tarefa, se requerem projetos de formação exigentes e diferenciados para todos: bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e leigos.

D. Discípulos para a missão (78-93)

- (78) “Ele me ungiu para evangelizar”. “Como o Pai me enviou, eu também vos envio”.
- (79) O caráter missionário de cada discípulo: “Ide e fazei que todos os povos se tornem meus discípulos”.



- (80) Pelo sentido de pertença a uma comunidade, o discípulo assume a edificação e a missão da Igreja.
- (82) A experiência de conversão do discípulo, prepara-o para dar testemunho diante daqueles que foram batizados e impele-o a sair ao encontro dos que têm sede de Deus e não conhecem seu rosto.
- (83) Ser missionário implica respeito aos diversos grupos culturais: indígenas, afro-descendentes e imigrantes, buscando uma inculturação maior da liturgia.
- (84) Para isso, é necessário pobreza de espírito para peregrinar pelos caminhos das bem-aventuranças, na perspectiva do ‘abaixamento de Jesus’.
- (85) O discípulo é chamado a permanecer no amor de Cristo, de modo especial, em seu amor misericordioso e preferencial pelos pobres, urgido que está a viver a autêntica solidariedade.
- (86) Especial atenção merecem os construtores da sociedade, chamados a desprezar estruturas marcadas pelo pecado e a trabalhar por uma nova ordem social, mais justa, equitativa e includente.
- (87) Outras urgências: a defesa da vida, desde a concepção, e da família, a participação política, a defesa do direito ao trabalho, a distribuição equitativa dos bens.
- (88) Os discípulos de Jesus Cristo são chamados a viver e a propor outro caminho: o da dignidade humana e da liberdade, da participação, da solidariedade e da austeridade de vida.
- (89) Diante da resistência de nossa cultura ao mistério da Cruz, voltar a tomar a cruz e seguir o Mestre.
- (90) Enche nosso coração de gratidão a fidelidade de irmãos e irmãs da América Latina e do Caribe, que fizeram do século XX, um século de mártires.
- (91) Outro campo prioritário para o discípulo de Jesus é a busca de unidade entre todos os que cremos em Cristo (trabalho ecumênico)
- (92) Sobre a Igreja na América Latina e no Caribe incumbe também o chamado à missão ‘ad gentes’, missionários que levem a Boa Nova de Jesus Cristo a outros povos e continentes.



IV. No início do Terceiro Milênio

A. *Vivemos em meio às dores de parto de uma nova época (94-111)*

- (94) A América Latina e o Caribe são desafiados pelas mudanças religiosas, éticas e, em geral, culturais, que marcam as dores de parto de uma nova época.
- (95) Ao nosso redor, há sinais do crepúsculo de uma era da humanidade que termina e do amanhecer de uma nova época.
- (96) Há novos fenômenos que convidam a um discernimento.
- (97) O primeiro dado dessa mudança, é que conseguiu-se adentrar no macrocosmo (conquista espacial) e no microcosmo (investigação genética).
- (98) A relação com a natureza também mudou: temos consciência da inter-relação e interdependência dos seres entre si, uma realidade que o ser humano deve aceitar e respeitar.
- (99) Na promoção de uma autêntica 'ecologia humana', é preciso tomar consciência que a família sofre embates muito fortes.
- (100) O matrimônio é violentado por sua desvinculação da procriação e pela separação entre amor e sexualidade.
- (101) Muda também o sentimento sobre a identidade e missão da mulher: da maternidade abrem-se espaços ao mundo social, sem ser mera competição com o homem.
- (102) Há a mudança da revolução industrial à sociedade do conhecimento e da informação.
- (103) Os avanços, entretanto, nem sempre são a serviço do ser humano, por isso, crescem as desigualdades entre os que possuem o capital (dinheiro e informação) e os mais pobres. Cresce o número dos marginalizados.
- (104) Estas mudanças afetam a busca da verdade e, com ela, a busca dos comportamentos éticos. Tende-se a pensar que verdadeiro é aquilo que agrada, dá prazer e favorece o consumo, caindo-se numa ética individualista, fundada na 'minha verdade'.
- (105) Há tendência de emancipar a liberdade em relação à verdade e ao bem.
- (107) Há uma consciência contrária a discriminações mas, com freqüência, alheia à verdade e ao bem.



- (108) O atual processo de mudança provoca profundo desenraizamento, gerando grande insegurança, desconcerto e, por vezes, angústia.
- (109) Há novas tendências no campo religioso, como o emocionalismo e novos fundamentalismos.
- (110) Diante disso, a proposta cristã é a revelação de Deus em Jesus Cristo, 'centro do cosmo e da história'.
- (111) A mensagem de esperança é Jesus Cristo que vence pela cruz.

B. A globalização, um desafio para a Igreja (112-123)

- (112) Nesta mudança de época, a globalização é um fenômeno real e complexo.
- (113) Características importantes: comunicação mundial, enriquecimento do saber, avanço tecnológico, velocidade das mudanças, geração de novos paradigmas.
- (114) A globalização tem aspectos negativos, mas será aquilo que dela fizermos.
- (115) A globalização, além de produzir efeitos de integração, é acompanhada de assimetrias.
- (117) Simultaneamente ao processo em curso, podemos constatar outro processo a partir da base, de defesa de identidade cultural, da natureza, das organizações e grupos humanos que se sentem ameaçados, criando-se extensas redes de defesa dos direitos, de consumo, de produção, de intercâmbio, de financiamento etc.
- (118) A globalização econômica gera riqueza, mas também pobreza e marginalizações diversas.
- (119) A ameaçadora degradação ambiental, faz do continente uma das regiões menos equitativas do mundo; a brecha entre ricos e pobres se amplia e mantém a grave injustiça social, que freia o possível desenvolvimento humano de milhões de habitantes.
- (120) A globalização dos meios de comunicação social modela as mentalidades e as culturas, operando mudança de valores.
- (121) Há uma alteração da identidade cultural de quase todos os povos: promove-se o culto ao eu, ao dinheiro e ao prazer.
- (123) É crescente a mobilidade humana, tanto interna como internacional.



C. As esperanças e tristezas de nossos povos nos interpelam (124-139)

- (125) O fenômeno da globalização e o avanço das comunicações permitiu uma abertura maior ao mundo, produzindo no seio dos povos uma ruptura crescente em relação ao seu patrimônio cultural, seus valores tradicionais e seu estilo de vida.
- (126) Em nossos países, continua sendo escandalosa a persistência da pobreza, da miséria e do desemprego, em um subcontinente formado majoritariamente por cristãos, ainda que persistam entre os pobres grandes virtudes, como a solidariedade.
- (127) Tornou-se presente em muitos países o protesto por uma justa incorporação dos povos originários aos benefícios e à condução da sociedade, o que implica respeito por sua cultura e por formas ancestrais de organização.
- (128) As novas reformas educacionais denotam um claro reducionismo antropológico, uma vez que concebem a educação em função da produção, da competitividade e do mercado.
- (129) O Estado encontra dificuldades para promover o bem comum, pressionado pelos sistemas financeiros e pelas corporações transnacionais.
- (130) Há um majoritário apreço pela democracia formal, com deficiente penetração da democracia como cultura da participação, da solidariedade e da subsidiariedade.
- (131) O cansaço frente à fraqueza dos governantes, há tendência a aplaudir o surgimento de líderes messiânicos ou caudilhos de estilo populista.
- (132) No desenho das políticas de Estado, não prima a concepção cristã de autoridade, acompanhada de vida sóbria e zelo pelo bem comum.
- (133) É palpável a crise das instituições políticas de representação e o surgimento de uma sociedade civil organizada de outras formas, assim como a decadência e atomização dos partidos políticos, sem identidades programáticas.
- (134) Este fenômeno vem associado à perda da credibilidade dos servidores públicos, gerando ingovernabilidade e os escândalos de corrupção.
- (135) A corrupção pública e privada aumentam de modo alarmante, favorecidas pela impunidade e o enriquecimento ilícito, freando o crédito e o investimento honesto.



- (136) Há uma educação deficiente para o trabalho honesto e para o exercício da co-responsabilidade e das responsabilidades cívicas básicas.
- (137) Grave deteriorização em alguns países é produzida pela produção de drogas e o narcotráfico, alimentados pela demanda em países desenvolvidos, fruto da tolerância e até da legalização do consumo.
- (138) Diversos grupos guerrilheiros se alimentam do narcotráfico, do seqüestro e de negócios encobertos, cuja contra-partida é o terrorismo de Estado.
- (139) Há escassa consolidação e desenvolvimento dos processos democráticos, retardando a integração da América Latina e do Caribe.

D. Os católicos e a Igreja, também diante de outros desafios (140-158)

- (141) Permanece o substrato católico de nossa cultura, mas encontra-se ameaçado pela sociedade globalizada.
- (142) Esta seiva católica se expressou em uma rica religiosidade e piedade populares, com profunda confiança na Providência, no Espírito Santo, no Cristo Crucificado, em Maria, nos santos e no papa.
- (143) Presente igualmente no sentido de família, de hospitalidade, de solidariedade nas desgraças, no sentido de justiça e no respeito pela vida.
- (144) Há uma nova valorização da religião como um bem social importante.
- (145) Entretanto, nas últimas décadas se observam uma diminuição da fé, um enfraquecimento do compromisso com a Igreja; uma mentalidade que, na prática, prescinde de Deus na vida, marcada pelo relativismo, pelo pragmatismo e pelo hedonismo.
- (146) Emerge com renovada força um laicismo militante, que nega aos crentes manifestarem publicamente suas convicções e agirem de acordo com elas.
- (147) Constata-se uma agressividade nova, aberta ou latente, contra a Igreja, sobretudo na liberalização dos costumes e das leis.
- (148) O fracasso da cultura moderna e de uma pastoral que sustente e alimente a identidade católica, deram lugar a um agitado mercado de alternativas religiosas e um proselitismo contra a Igreja católica.



- (150) Quanto à presença da Igreja, custa-nos ser profetas e apresentar Jesus e o Evangelho de modo propositivo e contradizer as ameaças.
- (151) A Igreja se torna presente na sociedade por meio de suas formas habituais de evangelização: paróquias, CEBs, movimentos eclesiais (desintegrados), institutos de vida consagrada, escolas-universidades.
- (152) No social, destacam-se a promoção e a defesa dos direitos humanos, individuais e sociais ou políticos, acompanhamento aos povos indígenas, formação dos cidadãos para a construção da democracia, a ação social em áreas como educação, saúde, moradia, pastoral carcerária etc.
- (153) A Igreja vê com preocupação a violação dos direitos dos imigrantes, refugiados e deslocados.
- (154) Descuidamos da formação dos leigos para o ordenamento das realidades temporais, pois apresentam fracas convicções éticas que os incapacita de cumprir no mundo sua responsabilidade com coerência cristã; não se pautam pela Doutrina Social da Igreja.
- (155) Nos últimos dez anos houve uma diminuição no número de católicos, em alguns países em até 10%.
- (156) Entre os leigos, debilita-se a recepção dos sacramentos, especialmente do matrimônio e assiste-se a uma dessacralização do domingo, o que urge uma formação catequética mais ampla e profunda.
- (157) O êxodo de católicos para comunidades pentecostais denota a busca de uma experiência comunitária mais estreita, para evitar a solidão e o isolamento, bem como de uma expressão religiosa mais emotiva e a oportunidade de maior protagonismo em comunidades menores.
- (158) Para essas pessoas que abandonaram a Igreja, é necessário encontrar novas formas e expressões de presença e participação na comunidade.

V. Para que nele nossos povos tenham vida (159-174)

- (160) Em meio às promessas de Deus, ficamos surpreendidos com a escolha que Deus faz de nós e o envio que, com força crescente, tornamos nosso para sermos luz do mundo e sal da terra, instrumentos de sua justiça, misericórdia e paz. Somos convocados a tomar resolutamente em nossas mãos a missão que ele nos entrega, para que “nele nossos povos tenham vida”.



- (162) A Igreja sabe que sua missão prolonga na história a missão de Cristo, incorporando a vida, a paixão e a ressurreição de Cristo.
- (163) A vida nova em Cristo nos incorpora à comunidade dos discípulos e dos missionários de Cristo, à Igreja.
- (164) Nossos povos têm sede de vida e de felicidade em Cristo.
- (167) Queremos superar misérias e carências dos habitantes de nosso continente, com uma dedicação preferencial aos mais atormentados e contribuir para a formação de pessoas capazes de governar e de motivar para o compromisso com o bem comum.
- (168) Urge promover uma cultura da vida pelo respeito à vida, pela gestação de famílias que sejam santuários da vida.
- (169) O documento está aberto para receber muitas propostas de todos os países, contribuições que devem ser enviadas pelas Conferências episcopais.
- (173) A Vª Conferência quer impulsionar uma Grande Missão continental.
- (174) Os Atos dos Apóstolos nos oferece a experiência de diferentes 'estilos de missão', que são modelos que nos servem também no terceiro milênio.

— X —

II. Comentário analítico do *Documento de Participação*

Uma vez visto o *Documento*, através de uma apresentação de forma sintética e telegráfica, o que evidentemente não dispensa sua leitura, vamos tecer agora alguns comentários analíticos, com a finalidade de ajudar no seu estudo. A partir da visão de conjunto dos conteúdos, vejamos qual é a proposta de fundo do Documento e o seu enfoque, ou seja, qual é sua visão de mundo, de ser humano, de Igreja, em resumo, qual é a sua teologia subjacente. O que se pretende com isso, não é influenciar nas decisões das comunidades eclesiais em seu processo de participação na preparação da Vª Conferência, mas simplesmente ajudá-las a refletir sobre os conteúdos e, assim, capacitá-las a enriquecer o *Documento*. O próprio CELAM chama atenção na introdução do texto, que o *Documento de Participação* 'não é o esboço do documento final', mas apenas 'um convite incompleto', à espera da contribuição de todos.



Nesta abordagem analítica do *Documento*, também sintética, teceremos três tipos de comentários: um, sobre a ordem dos conteúdos e o enfoque metodológico; outro, sobre os conteúdos dos cinco capítulos do texto; e, um terceiro, sobre a relação do *Documento* com a tradição latino-americana, a qual, como sabemos, historicamente se reivindica de uma 'recepção criativa' do Concílio Vaticano II.

1. A ordem dos conteúdos e o enfoque metodológico

A questão dos métodos, não é um problema secundário. O método, enquanto 'caminho' (*odós*), não é um mero instrumental, à margem do produto final do trabalho sobre um objeto em particular. Não há método neutro, independente dos conteúdos que através dele são veiculados. O método faz parte do conteúdo. Em outras palavras, o método também é mensagem, também é conteúdo. Enquanto caminho, é portador de uma intencionalidade e, em teologia, diríamos, é revelador de uma determinada cosmovisão, que incide diretamente nos conteúdos e, sobretudo, no tipo de ação à qual eles apontam.

a) A lógica dos conteúdos do *Documento de Participação*

O *Documento de Participação* ordena e apresenta seu conteúdo em cinco capítulos, que conformam um todo a partir de certas opções teológicas prévias com relação ao mundo, ao ser humano, à Igreja e à concepção de Deus, em especial à cristologia. Vejamos:

- 1º. O ser humano anseia por felicidade.
- 2º. A Igreja na América Latina e o Caribe é fruto da acolhida de Jesus Cristo, que responde a este anseio.
- 3º. O encontro com Jesus Cristo leva a ser discípulo e missionário.
- 4º. Missão, hoje, que se dá em um mundo em transformação (em dores do parto).
- 5º. Para 'que nele nossos povos tenham vida', a Igreja propõe uma 'Grande Missão continental'.

O raciocínio do *Documento* parece ser este: primeiro e, hoje mais do que nunca, dada a anemia espiritual de nosso tempo, há uma grande fome de sentido, cuja 'irrupção do religioso' é uma atestação incontestável.



O sentido está estreitamente ligado à questão da felicidade, que no seio da modernidade, em grande medida, se traduziu em consumismo, prestígio e hedonismo (Cap. I). Segundo, a Igreja na América Latina e o Caribe têm a resposta a esta busca de felicidade, recebida há quinhentos anos, ainda que em meio a contradições, que é Jesus Cristo e seu evangelho. O ‘substrato católico’ de nossa cultura atesta esse encontro com Jesus Cristo, propiciado por tantos heróicos missionários (Cap. II). Terceiro, tal como ontem, é preciso hoje tomar consciência, também, que o encontro com Jesus Cristo leva a ser discípulo e missionário, ou seja, desde a experiência pessoal e comunitária com o Cristo vivo, o encontro leva a tornar-se um missionário empenhado em que todos façam essa mesma experiência, capaz de dar a felicidade (Cap. III). Essa missão, em nosso Continente, se dá em um mundo marcado por profundas transformações: por um lado, pela globalização excludente, que gera excluídos e, por outro, pelo pluralismo, que engendra relativismo moral, sobretudo na ordem dos valores (Cap IV). Essas transformações, em grande medida, contradizem os ideais do Evangelho e afastam os fiéis da Igreja. Por isso, urge a convocação de todos os católicos para uma ‘Grande Missão continental’, afim de que nossos povos tenham vida em Jesus Cristo (Cap. V).

Como se pode constatar, a lógica da argumentação é esta: parte-se da sede de sentido; vai-se a Jesus Cristo, que é a resposta da qual a Igreja é depositária; da experiência de Jesus Cristo, na Igreja, nasce o discipulado e a missão; missão a ser levada a cabo num mundo em grande medida hostil à Igreja, através de uma grande missão continental. É um procedimento dedutivo, na medida em que a realidade só aparece no capítulo quarto, enquanto ponto de chegada da missão e não como seu ponto de partida. Aparentemente, o ponto de partida é o ser humano sedento de felicidade, que aparece no capítulo primeiro. Mas, na medida em que esse ser humano não tem rosto concreto, pois é tomado como categoria universal, o real ponto de partida é a ‘busca de felicidade’. Mas, não seria a felicidade algo concreto? Sim, se os anseios tivessem referência concreta, mas também são concebidos de modo genérico, caracterizados como fome de amor e de justiça, de liberdade e verdade, sede de contemplação, de beleza e de paz, ambição de plenitude humana, ânsia pelo lar e pela fraternidade. É desde aí que é visto Jesus Cristo enquanto resposta a este anseio e a própria Igreja em seu ser e missão.

E onde está a Igreja? Aparece no segundo capítulo, portanto antes da realidade social, que é apresentada no quarto. Isso leva, por um lado, a ver o mundo desde a Igreja, privando-o de sua autonomia e especificidade



próprias, objeto das ciências do social; e, por outro, coloca a Igreja fora do mundo ou mais propriamente sobre ele e não dentro dele e fazendo parte dele, como o faz o Concílio Vaticano II (GS 40).

Jesus Cristo, enquanto resposta, aparece antes da pergunta colocada pela realidade exposta no capítulo quarto. É que, independente da realidade, a resposta do discípulo consiste em ser missionário, isto é, sair para fora da Igreja para trazer as pessoas para dentro, uma vez que é Cristo a resposta. Só que, por sua vez, trata-se de um Cristo, como veremos, sem Jesus, na medida em que sua resposta consiste numa ‘plenitude de vida’ meta-histórica, a felicidade das pessoas da Trindade (n. 3).

b) O enfoque metodológico e sua incidência na compreensão dos conteúdos

Essa postura metodológica, evidente, incide sobre os conteúdos. *Medellín*, na perspectiva do Concílio Vaticano II, havia afirmado que todo compromisso pastoral brota de um discernimento da realidade (15,36). Para a *Gaudium et Spes*, a identificação dos ‘desígnios de Deus’ sobre a realidade e os conseqüentes compromissos pastorais, brotam de uma leitura dos ‘sinais dos tempos’ (GS 11). Em outras palavras, na perspectiva da racionalidade moderna e do Concílio, é a realidade que dá o que pensar, também para a reflexão teológico-pastoral. Sobretudo para a teologia latino-americana, a realidade, não é simplesmente lugar de aterrissagem de uma ortodoxia, mas fonte criadora de idéias, dado que a história, enquanto lugar da revelação de Deus, é um verdadeiro *locus theologicus*. A ação eclesial ou a missão são respostas, a quais, para serem eficazes, dependem da identificação prévia das perguntas.

O método dedutivo que perpassa todo o documento veicula uma visão essencialista da verdade, sobre a qual não incide a história. Trata-se de uma verdade que não passa pela veracidade, ou seja, por sua comprovação histórica. Como a Igreja já a possui, a revelação é mais um ‘depósito’ a ser guardado e comunicado, do que um mistério a ser continuamente perscrutado. É preciso não perder de vista que não é a Igreja que possui a Verdade, é a Verdade que a possui e a ultrapassa infinitamente. Do contrário, a missão consistirá basicamente em anunciar um *kerigma* já compreendido, em que quase que ajuda mais o catecismo do que a Bíblia, pois esta, fora da instância do magistério, está à mercê das subjetividades e suas múltiplas verdades. Nesta perspectiva missionária, há um movimento *ad extra*, mas em vista de um *ad intra*,



um movimento centrípeto, próprio da mentalidade de cristandade, em lugar de centrífugo, que supera o eclesiocentrismo.

Seguindo o método da racionalidade moderna, cuja recepção o Concílio Vaticano II aponta também no interior da teologia, em lugar deste procedimento dedutivo, seguindo um caminho indutivo a ordem dos capítulos seria: partir da realidade social e, desde aí, ver também a realidade antropológica e da Igreja; ir à revelação, carregados das questões postas pela realidade, de modo que a Palavra de Deus ‘seja salvação para nós hoje’, como afirma *Dei Verbum*; encontrar-se com o Jesus de Nazaré, plenitude da Revelação e primícia do Reino de Deus, enquanto o Cristo Ressuscitado; e, finalmente, colocar-se em atitude de serviço e diálogo com todas as pessoas de boa-vontade, através de uma ação evangelizadora, que contribua para com a edificação do Reino de Deus que, em sua dimensão histórica, confunde-se com uma nova sociedade na América Latina e o Caribe.

2. O conteúdo dos cinco capítulos do Documento

Em rápidas pinceladas, demos uma olhada analítica nos conteúdos de cada um dos cinco capítulos. Recordamos que nosso objetivo é chamar a atenção para seus limites, silêncios ou vazios. É isso que colocaremos em evidência.

Capítulo I: a antropologia e a cristologia do Documento

A antropologia

A virada antropológica operada pela modernidade, no Concílio Vaticano II significou sobretudo um diálogo com o homem ateu, com o ‘não-crente’. Em *Medellín*, põe em evidência o que no Vaticano II havia ficado inconcluso – ‘uma Igreja dos pobres para ser a Igreja de todos’ (João XXIII), e põe-se em evidência o ‘não-homem’. O *Documento de Participação* põe como ponto de partida o ‘homem-sem-sentido’ ou mais concretamente em busca da felicidade (n. 1). A felicidade é realmente uma questão relevante para o ser humano atual. Só que é algo muito diferente do que entende por felicidade um abastado e um pobre, por exemplo. Dá a impressão que o ser humano do Documento é um sujeito abastado, cansado e vazio da aventura tecnológica e consumista, em crise de sentido, em crise existencial (n. 2). Para os pobres a crise é de sobrevivência, não de existência.



Puebla havia visto o ser humano latino-americano e caribenho com rostos muito concretos, sobretudo rostos de pobres (DP 31-39). O *Documento de Participação* fala de um ser humano sem rosto, como se fosse uma categoria, uma essência, para além da contingência de uma história que o faz no cotidiano da vida. O ser humano do Documento, enquanto não tem rosto concreto de índio, negro, mulher, operário, desempregado, sem-terra e sem-teto, jovem, criança etc. e, seu desejo de felicidade, enquanto não tem objeto palpável como pão, casa, educação, trabalho, saúde, acolhida etc., permanece mais essência que existência. Para os pobres, até a experiência religiosa enquanto salvação tem de passar por plenitude de vida, incluída a vida material. Do contrário, vão afiliar-se a movimentos religiosos autônomos, em particular ao neopentecostalismo, em que salvação se confunde com prosperidade material, saúde física e psico-afetiva.

Não se pode perder de vista que a virada antropológica operada pela modernidade é um esforço importante para superar o teocentrismo da cristandade, que aconteceu ainda quando Heidegger caracterizou o ser como tempo, fundado em Hegel, o descobridor da história. Até então, a antropologia permanecia metafísica, essencialista, a-histórica.

A cristologia

O Cristo do Documento é o Ressuscitado, Rei, Vivo, Caminho, Verdade e Vida. O Salvador do povo excluído é o Jesus Sofredor, quando não o Jesus Morto da Sexta-feira Santa. Não que se duvide do Ressuscitado ou que esteja vivo, mas se Jesus é solidário com sua dor, deve estar sofrendo também. Impossível que tudo seja glória para um Deus que tem seus filhos esmagados pela opressão e a injustiça. O risco maior na cristologia não é um Jesus sem Cristo, mas um Cristo sem Jesus. E aqui se situa o *déficit cristológico* do Documento. Trata-se de buscar situar a obra salvadora de Jesus no hoje da realidade latino-americana e caribenha, de relacionar sua mensagem com as contradições que vivemos em nosso contexto e não de simplesmente afirmar a ação redentora em si. Seguindo o dinamismo do mistério da Encarnação, não se pode deixar de relacionar Cristo com o Jesus que prolonga sua paixão na história, estampada em tantos rostos desfigurados. A perspectiva de Mateus 25,31-46 ajuda a acolher, viver e servir a Jesus Cristo, não como uma realidade meramente transhistórica, mas no cotidiano da vida. O Evangelho contextualizado em nossa realidade é Boa Nova de um Jesus profeta em favor da justiça e da fraternidade, cuja consequência de sua solidariedade com os sofredores



até o fim, está na morte de cruz. A cruz não é meio, pois o sofrimento nunca poder ser justificado por si mesmo, mas consequência do dar a vida pela salvação de todos. É pouco dizer e fica muito distante um Cristo que ‘sacia a sede de sentido e de felicidade’ (n. 5).

Capítulo II: a eclesiologia do Documento

Com Justino de Roma, o Documento reconhece a presença de ‘sementes do Verbo’ na vida dos aborígenes pré-colombinos e, com Eusébio de Cesaréia, a etapa pré-colonial como *praeparatio evangélica* (n. 22). Também reconhece e reitera o pedido de perdão feito por João Paulo pelas sombras havidas durante o processo de evangelização (n. 27). Mas, ao atestar as sombras através da denúncia de santos missionários, afirmando que “a própria evangelização constitui uma espécie de tribunal de acusação para os responsáveis por aqueles abusos” (n.26), não deixa de conservar resquícios de uma eclesiologia pré-conciliar. Em primeiro lugar, a eclesiologia conciliar se funda na pneumatologia e não na cristologia. Evidente que a Igreja foi querida por Jesus e fundada por ele, mas só passa realmente a existir quando os apóstolos inativos se tornaram ativos, pela ação do Espírito em Pentecostes. A Igreja não é nem exterior e nem anterior à ação do Espírito. Tradição é a história do Espírito Santo na história da Igreja. Em segundo lugar, a eclesiologia do Documento se ressent de uma cristologia docetista, porquanto a Igreja é concebida como extensão na história do Cristo glorioso. Nesta perspectiva, Belarmino concebia a Igreja, enquanto Corpo de Cristo, como ‘Encarnação continuada’. Trata-se, portanto, do Cristo glorioso, sem Jesus e de uma Igreja divina, que não peca e, quando peca, não passa de pecados de ‘filhos da Igreja’, mas não da Igreja, que é essencialmente santa, por ser divina. A eclesiologia do Vaticano II assume a dimensão contingente da Igreja na precariedade do presente – *ecclesiam semper reformanda* (UR 5; GS 40) ou no dizer dos Santos Padres *casta meretrix* (LG 8; GS 21 e 43).

Mas, o *déficit eclesiológico* do Documento se expressa sobretudo no eclipse de Reino de Deus, que não aparece uma única vez em todo o Documento. Aliás, aparece uma única vez, mas não em relação com a Igreja e sim com Jesus, e ainda citando o prefácio da solenidade da festa de Cristo Rei (n. 6). A Igreja se liga diretamente a Cristo e prolonga sua missão, como se Jesus tivesse pregado a si mesmo. Uma Igreja sem Reino de Deus é uma Igreja fora e sobre o mundo, centrada em si mesma, proprietária de todos os meios da salvação. Depois do Concílio Vaticano



II, não se pode mais compreender a Igreja fora do trinômio Igreja-Reino-Mundo, porquanto são três realidades que se interpenetram (LG 5; GS 40). A Igreja existe para ser sinal e instrumento do Reino de Deus no Mundo.

Também não se pode deixar de aludir ao fato de o Documento, ao fazer uma retrospectiva histórica do caminhar da Igreja para identificar os sinais de esperança presentes nela hoje (n. 34), apresenta uma vasta relação de realidades eclesiais, mas com silêncios, que precisam ser rompidos. Por exemplo: não se faz menção das anteriores quatro Conferências gerais do episcopado latino-americano, com seu rico magistério, uma tradição que não se pode perder; não se faz menção aos mártires das causas sociais, na luta pela justiça, que foram milhares e é o que a Igreja na América Latina, sem dúvida, tem de mais precioso; no campo da pastoral social, não se menciona o trabalho com a ecologia, os operários, os campesinos, os menores, os idosos, as mulheres marginalizadas, os enfermos etc.; as Cebs são citadas como uma estrutura de participação, desprovidas de seu espírito e de sua novidade eclesiológica, apenas mediação para se obter comunidades pequenas; a rica contribuição da reflexão bíblico-teológica é apenas citada de passagem ao mencionar o “conteúdo evangélico e teológico da libertação”. Ora, juntamente com nossos mártires, temos igualmente uma teologia mártir que, apesar de seus reconhecidos limites, confere ao nosso Continente uma tradição própria no interior da Tradição da Igreja como um todo, na medida em que teses como opção pelos pobres, pecado social, fé e práxis, única história, libertação como salvação etc. enriquecem toda e qualquer teologia.

Capítulo III: a missiologia do Documento

No Documento, tudo conflui para a missão – ‘uma grande missão continental’ (n. 173), o que é altamente justificável e necessário num mundo cada vez mais marcado pela exclusão e pelo secularismo. E, se quer chegar ao ‘indivíduo’, dando um passo a mais em relação às Conferências anteriores (n. 44). Entretanto, prefere-se falar de ‘missão’ em lugar de ‘evangelização’ e quando esta é mencionada, aparece como ‘nova evangelização’, em grande medida entendida como ‘proclamação do *kerigma*’, sem tomar devidamente em conta sua recepção e implicações históricas. O termo ‘missão’, na cosmovisão tradicional, se insere no contexto da mentalidade eclesiocêntrica de cristandade, de uma salvação na esfera estritamente religiosa e no interior da Igreja. Já o termo



‘evangelização’, na perspectiva da *Evangelii Nuntiandi*, ao relacioná-lo com promoção humana (EN 31), supera o caráter de cristandade, precisamente ao acusar a recepção, no seio da eclesiologia, da categoria ‘Reino de Deus’. Daí o acento maior do documento no secularismo que na exclusão social. A ‘missão’ está preocupada com a salvação, sim, mas ao concebê-la desde a Igreja, está mais centrada na Igreja que na salvação, que também pode acontecer fora da Igreja, ainda que não de Jesus Cristo, na esfera de um Reino que está para além da Igreja.

Dá a impressão de uma missão que prescindir de mediações históricas para esse encontro com Jesus Cristo. Ela seria uma pregação, a ser acolhida no coração, sem tomar devidamente em conta uma Palavra que deve ser sempre acolhida e lida no interior de uma tradição, precedida pela experiência da mesma, pelo testemunho. Ora, a fé, antes de chegar a Jesus Cristo, passa pela Igreja. Antes de crer em Deus, cremos na Igreja (em Igreja), porquanto a fé cristã é sempre ‘crer com os outros e naquilo que os outros crêm’.

Esta perspectiva fica evidenciada no fato de a missão, no documento, vir antes de ver a realidade e depois da abordagem sobre a Igreja. Por um lado, há o risco de ser resposta a perguntas que ninguém faz e, por outro, de confundir-la com incorporar à Igreja, em lugar de levar a conectar com o Reino de Deus, que vai além da Igreja e de quem ela é sinal e instrumento.

A evangelização, na perspectiva da *Evangelii Nuntiandi*, abre a missão também para a inculturação (EN 63). Na missão tradicional, quando muito se faz ‘adaptação’; na evangelização, se procede com o dinamismo da inculturação, que se funda no mistério da Encarnação do Verbo, que assume para redimir. Uma evangelização que não seja processo de inculturação, não é dialógica e, se não for dialógica, será imposição. E, evangelizar é, antes de tudo, não ignorar e nem impor.

Capítulo IV: a visão de mundo do Documento

Como já fizemos referência, depois do Concílio Vaticano II, não se pode mais compreender a Igreja fora do trinômio Igreja-Reino-Mundo, porquanto são três realidades que se interpenetram. A eclesiologia do Documento, além de não fazer referência ao Reino de Deus, não vê a Igreja dentro do mundo, fazendo parte dele, existente para ele. Também como já vimos, o mundo é visto depois de se ter visto a Igreja, pois é ponto de chegada, lugar de aterrissagem de uma ortodoxia, previamente



definida. Não é fonte criadora de idéias, *locus theologicus*, lugar de interpelações de Deus (sinais dos tempos), mas palco de uma salvação meta-histórica.

No Documento, dois aspectos marcam a leitura da realidade do mundo de hoje: a transição para uma nova época (nn. 144-111) e o fenômeno da globalização (nn. 112-123). Há uma boa leitura destes fenômenos, sem que deles, porém, se tirem as conseqüências para a missão. Transparece que eles não incidem sobre a missão. É esta que deverá incidir sobre eles. O primeiro, leva-nos a não ver tudo claro e certo, de posse de todas as respostas. O segundo, nos coloca numa atitude de serviço, busca e diálogo no seio da sociedade pluralista, porquanto os princípios do evangelho, sobre os quais deve estar assentada uma sociedade plenamente humana, necessitam de mediações históricas para tornar-se realidade concreta. Não são suficientemente tomados em conta outros dois grandes fenômenos, o pluralismo e a nova racionalidade emergente.

Quanto à transição e a globalização, são fenômenos que tendem a ser visto como ameaça à Igreja (n. 147), embora também o sejam, mas não só. Decorre daí uma postura hostil, apologética, sobretudo frente à mentalidade laicista e relativista. O laicismo precisa ser erradicado (n. 146). A globalização pode ser melhorada (n. 114). Para enfrentar esse mundo são lembrados os mártires do 'final do século XIX e início do século XX' (n. 28), ora, precisamente aqueles que se enfrentaram com Estados modernos, laicos e racionalistas. Vê-se com preocupação o avanço do relativismo ético, que acena para uma sociedade pós-cristã. Vê-se pouca margem para o diálogo, a interação, o serviço, a busca, com todas pessoas de boa-vontade, de novas respostas aos novos problemas. Dá a impressão que a Igreja já tem todas as respostas e, que poderá, sozinha, transformar esse mundo, sobretudo se se trata, em grande medida, de fazê-lo cristão. Neste particular, a grande novidade do Vaticano II foi a aceitação da história, em sua radical ambigüidade, lugar de interpelação de Deus, através dos 'sinais dos tempos'. O mundo é criação de Deus. O plano da redenção não aboliu o plano da criação, mas o recapitulou, numa linguagem paulina (Ef 1,10), desenvolvida amplamente por Irineu de Lion.

A missão, nesta perspectiva, corre o risco de conceber a salvação como um 'tirar do mundo', em lugar de inserir-se nele e recriá-lo desde dentro, seguindo o mistério da Encarnação. O mundo não tem autonomia legítima: ou ele se integra e é absorvido pela Igreja, ou está perdido, numa mentalidade típica da cristandade, em que o sagrado não se insere



no profano, a não ser que este deixe de existir, deixando-se absorver por aquele.

Capítulo V: a meta da missão continental

A motivação maior para uma ‘grande missão continental’ (n. 173), não é o fato de um continente cristão estar estruturado de modo não-cristão, gerando exclusão, opressão, fome, injustiça etc., impedindo que o Reino de Deus e sua salvação aconteçam na vida pessoal e social. Há uma preocupação com o decréscimo em número dos católicos, que passaram sobretudo aos movimentos religiosos autônomos de corte pentecostal (n. 155). Uma preocupação, portanto, não necessariamente com a qualidade do cristianismo, mas com a visibilidade da Igreja Católica. Para fazer frente a esse desafio, tem-se dificuldade em ir às suas causas reais, também de tipo estrutural da Igreja, e dá a impressão de optar-se pela disputa do mercado do religioso, com os mesmo meios dos concorrentes.

Para o Documento, a missão visa ‘que todos tenham vida nele’ – Jesus Cristo. A questão é o que se entende por ‘vida’? Embora seja correto afirmar que Jesus é ‘a Vida’, o correto conceito depende de situar corretamente a cristologia dentro da economia da salvação. Há uma tendência a não conceber o ‘plano da redenção’ em relação com o ‘plano da criação’, ao não relacionar-se devidamente evangelização e promoção humana. Como se salvação só haveria no plano da redenção, não entendido como ‘recapitulação’ da plano da criação, mas quase que como substituição. Além do mais, não se distingue, nesta perspectiva, fé ‘em’ Jesus e fé ‘de’ Jesus. Como se só houvesse salvação quando há fé ‘em’ Jesus, enquanto adesão explícita, no interior da Igreja e não também quando há fé ‘de’ Jesus, isto é, vivência das Bem-aventuranças sem sabê-lo. Vida ‘nele’, não se dá só quando há uma adesão explícita a Jesus Cristo, mas quando se vive sua vida, ainda que sem sabê-lo, pois toda ação no Espírito converge para Cristo. Por isso, o conceito de ‘Vida’ do Documento precisa ser ampliado. Salvação precisa ser melhor articulada com história, nova sociedade, promoção humana, realidades terrestres etc. e, em decorrência, conversão pessoal com conversão estrutural, vida espiritual e vida temporal etc.

A missão no Documento, já mencionamos, dá margem a pensar que consiste em incorporar todos em Cristo, que equivale a incorporar todos à Igreja católica (n. 162). Seria um sair para fora para trazer para dentro. Como o Reino de Deus tende a confundir-se com a Igreja, esta é



a instância da salvação de Jesus Cristo, o que justificaria colocá-la como ponto de chegada da missão (n. 163). Equivaleria a dizer que, na realidade, o ponto de chegada é Jesus Cristo, mas como a Igreja é seu Corpo, não há Cristo sem Igreja, ou mais precisamente, não há salvação em Jesus Cristo, fora da Igreja.

A modo de conclusão

A V^a. Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe se insere na tradição das quatro anteriores: *Rio de Janeiro* (1955), *Medellín* (1968), *Puebla* (1979) e *Santo Domingo* (1992). A primeira esteve ainda marcada pelo contexto de neocristandade, ou seja, de apologia frente ao mundo moderno e de uma ação de reconquista para a fé católica, tributária do eclesiocentrismo ainda reinante. *Medellín* irá situar a Igreja no Subcontinente na perspectiva do Vaticano II, elaborando uma ‘recepção criativa’, que significava fazer do Concílio mais um ponto de partida do que um ponto de chegada. *Puebla*, entretanto, já seria um freio à então recente originalidade de uma ‘tradição latino-americana’ e muito mais o foi *Santo Domingo*. Era o reflexo do gradativo processo do que se denominou chamar de ‘involução eclesial’, no seio de uma modernidade em crise. A opção pelos pobres e a perspectiva libertadora, que se reivindicava do espírito do Concílio, tenderam a ser vistos mais como ideologização marxista do que expressões concretas e históricas do evangelho social de Jesus de Nazaré. O enfoque do *Documento de Participação*, em vista da *Conferência de Aparecida*, se insere neste gradativo distanciamento da legítima e original tradição latino-americana, inaugurada em *Medellín*, o que equivale a dizer, em última instância, distanciamento das intuições e eixos teológicos centrais do Concílio Vaticano II.

É preciso recuperar as intuições e eixos teológicos centrais do Vaticano II e, com eles, a rica ‘tradição latino-americana’. Daí a importância deste tempo de preparação da V^a. Conferência, através do processo das comunidades eclesiais no enriquecimento da proposta do *Documento de Participação*. Cinco pontos principais poderiam nortear este esforço: primeiro, colocar a realidade como ponto de chegada e não como ponto de partida, para que o temporal não perca sua autonomia e especificidade, em especial a peculiaridade latino-americana; segundo, explicitar a relação intrínseca da fé com a práxis libertadora, para que a religião não esteja fadada a continuar relegada à esfera privada de uma espiritualidade intimista; terceiro, testemunhar uma religião



transformadora, que implica uma Igreja viva e profética, que tem nas CEBs um novo modo de ser Igreja, pois são modo privilegiado de articulação, no seio da sociedade, entre fé e vida, cristianismo e cidadania; quarto, reavivar a opção preferencial pelos pobres, que não os vê como objetos mas sujeitos de uma nova sociedade, não simplesmente um trabalho prioritário entre outros tantos, mas uma ótica, desde onde se vai a todos de forma profética; e, quinto, porquanto a salvação sempre se dá na história e existe uma única história, conceber a libertação não como mero sinônimo de desenvolvimento ou promoção humana, mas como salvação concebida na perspectiva de Medellín – ‘passagem de situações menos humanas para mais humanas’.

Endereço do Autor:

ITESC

Caixa postal 5041

88040-970 Florianópolis, SC

E-mail: agenor.brighenti@itesc.org.br